

# Viagem ao extremo sul da América



Ignacio Dalcim

Ignacio Dalcim

## Viagem ao extremo sul da América



2013

Ignacio Dalcim

## **Viagem ao extremo sul da América**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)**.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 12/04/2013

D138v Dalcim, Ignacio  
Viagem ao extremo sul da América [recurso eletrônico] /  
Ignacio Dalcim. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.  
E-book (formato PDF).  
ISBN 978-85-64997-95-0

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Diários – Descrições e viagens. 2. Argentina.  
3. Patagônia. I. Título.

CDU: 910.4(82:83)

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

**RECORDAR É VIVER**



Torres del Paine – Chile



Glacial Perito Moreno – Argentina



Patagônia/ Los Altares – Argentina



Carretera Austral – Chile



La Moneda – Santiago



Travesia dos Andes – Los Caracoles





## RECORDANDO NOSSA VIAGEM AO EXREMO-SUL DA AMÉRICA Patagônia - Tierra del Fuego – Carretera Austral

*“Limites e desafios estão mais em nós  
do que no espaço geográfico”*

(Clodoaldo Turbay Braga)

Já tinham se passado dez anos desde nossa primeira viagem ao Chile, passando pela Argentina e o Uruguai<sup>1</sup>, em companhia do escritor Fidélis, meu pai Atílio e meu sobrinho Fabiano. Era hora de aumentar o percurso, de realizar o sonho de viajar com a família, até Ushuaia<sup>2</sup> e percorrer a Carretera Austral<sup>3</sup>.

Nossos companheiros, Valdirene e Diógenes Scorsatto, frutos da amizade da Raquel com 6 anos, com as filhas deles Nicole e Raissa com 7 e 5 anos. Eu me encarreguei de traçar o Roteiro da viagem. Tínhamos pela frente uns 13 mil km para um máximo de 24 dias.

### **Dia 3 – SÁBADO: (Mata, S. Francisco de Assis do Sul, Livramento/Rivera)**

Partimos de Marau às 5 horas do dia 3 de fevereiro de 2007 e a Scénic 1.6 RXE marcava 65.151 km. O céu estava límpido e uma aragem, bastante fresca para o mês de fevereiro, prometia um dia de temperatura agradável. Já próximos de Júlio de Castilhos perguntei para Lenita se tinha carregado a sacola verde. Não. Parei o carro e a comprovação: todo nosso material fotográfico tinha ficado atrás da porta de saída de nosso apartamento. Paciência.

Mata, a cidade dos fósseis, foi nossa primeira parada significativa. As crianças apreciaram mais a oportunidade de embarcar no enorme Dinossauro, construído a alguns km da cidade, do que a original praça da entrada, calçadas e escadarias construídas com milhares de pedaços de troncos de árvores fossilizadas há milhões de anos. Para nós adultos, foi um mergulho no tempo da vida de nossa Mãe Terra.

---

<sup>1</sup> Para o escritor Fidélis Dalcin Barbosa e meu pai Atílio (81 e 79 anos), foi a concretização de um velho sonho. Viajamos por Uruguiana, Paraná/Santa Fé, Córdoba, Mendoza, Viña del Mar, Santiago, Temuco, Osorno, Puerto Montt, Bariloche, Bahia Blanca, Buenos Aires, Colônia, Montevideo, Chuí...

<sup>2</sup> Ushuaia (Porto estreito do Poente), chamada pelos argentinos de *ciudad del fin del mundo*, é a cidade mais ao sul do nosso hemisfério, a 3.063 kms de Buenos Aires.

<sup>3</sup> O Chile, consciente do seu potencial turístico, está investindo muito nesta rodovia fantástica com aproximadamente 1200 km entre montanhas, passando por centenas de rios e lagos, de Puerto Montt a Villa O'Higgins. De Chaitén a V.O'Higgins são 991 kms, estando a bela Coyhatique no meio do percurso.





Portal de recepção aos visitantes

Praça de entrada de Mata

Escadarias e área de lazer de Mata

Sem querer topamos com a cidade de São Francisco de Assis do Sul, local de nosso primeiro almoço, o pior de toda a viagem. Alguém até tropeçou jogando prato e comida pelo chão. Sem perder o entusiasmo do início da viagem, voltamos para a rota que nos conduziria a Santana do Livramento, passando por Cacequi e Rosário.

Em Livramento nos hospedamos no Jandaia Hotel. Depois de acomodados, telefonei para a Igreja do Rosário, ansioso por encontrar o padre Firmino Dalcin. Nos encontraríamos às 18 horas, na Missa e Bênção de São Brás. Antes disso tivemos tempo para atravessar a fronteira e perambular pelas ruas de Rivera, conferindo preços e comprando algumas coisas, como tênis para Lena, sapatilha para a Raquel...

O padre Firmino nos acompanhou até o Hotel, onde, na companhia do casal proprietário, Vilma e Daniel Bertelli, amigos de longa data, ficamos a recordar de nossas viagens e daqueles tempos em que chegávamos por lá com o saudoso Fidélis. O padre Firmino foi um referencial em minha vida. Foi ele quem incentivou em mim o gosto de viajar, convidando-me a celebrar os seus 25 anos de sacerdócio, com um giro de 30 dias pelo Brasil a fora, especialmente pelo litoral, de Araranguá a Olinda/Recife. Dentre as muitas lembranças maravilhosas e pitorescas, lembro-me de quando embalamos o enorme sino do Mosteiro de Guararapes, despertando os monges de sua sesta. Todos, um tanto assustados, acorreram para ver o que estava acontecendo. Entre eles, chegou por primeiro o reitor Dom Beda que, alguns anos mais tarde, haveria de me acolher em Manaus, quando retornei da primeira viagem à casa de tios e primos da Califórnia...

Quando tracei o Roteiro de nossa viagem, inclui Livramento, com o objetivo de rever o padre Firmino Dalcin, por quem sempre tive especial admiração. Agora estávamos aí e eu com o pressentimento de que este seria nosso último encontro. Nos seus 83 anos, estava muito lúcido, mas muito debilitado. Já tinha percebido isto nos últimos telefonemas. Já estávamos na Península Valdés quando fiquei sabendo de que, naquele dia seguinte, domingo dia 4, enquanto celebrava Missa na Igreja Santa Ana, o padre Firmino caiu...



para se “levantar” somente no dia 10 de março, quando viajou em definitivo para o “último andar”. Seus paroquianos o amavam tanto que resolveram sepultá-lo na própria Igreja do Rosário, construída há uns 40 anos, quando ele era seu pároco. A arquitetura imita um toldo de carreta e é conhecida também como a “Igreja das Fronteiras”.

**Dia 4 – DOMINGO: (Rivera, Tacuarembó, Paysandu, Salto Grande, Zárate, Mercedes, 9 de Julio)**

Os mosquitos da fronteira não nos deram sossego e, por isso, as cinco da matina nos dirigimos a Gendarmeria de Rivera e pegamos a Ruta 26 em direção a Tacuarembó.

O tempo estava bom e à medida que o dia clareava a paisagem silenciosa e semidesabitada, ia mostrando campos ondulados, quase planos, depois cerros, fortalezas de granito e, mais adiante, um acostamento de pedras claras, depois avermelhadas... poucas árvores, poucos carros, pouco gado, muitas ovelhas. Num certo pedágio, nos garantiram de que havia passagem pela ponte de Paysandu/Colón.

Os protestos argentinos, contrários a instalação de *papeleras* em território uruguaio, nos fizeram subir até Salto Grande, aumentando nosso percurso em quase 300 km, além de 15 reais de pedágio. O almoço, a base de peixe, aconteceu na beira da estrada, quando nem tínhamos ainda cruzado por Colón. Mesmo assim estávamos eufóricos, pois enchíamos o tanque de combustível com um custo bem menor do que no Brasil.

Apesar do tráfico intenso da Ruta 14, que ia aumentando a mediada que avançávamos, era possível admirar as feitorias e cidades plantadas na planura monótona do pampa argentino. Monotonia quebrada pelas duas altas pontes *del complejo Zárate Brazo Largo*, 20 km de pavimento sobre o rio Paraná e canais.

Graças à orientação de um casal, que gentilmente nos pediu para segui-los por cerca de 50 km, driblamos as rutas que conduzem a grande Buenos Aires e seguimos em frente na direção de Mercedes, até a Ruta 5. Nossa primeira pousada na Argentina aconteceu no Hotel Palace (100 pesos) numa cidade em alvoroço, chamada 9 de Julio, congestionada de gente e automóveis, fervia em clima de carnaval. Somando os retrocessos, neste segundo dia percorremos 1.125 km, 1850 km desde nossas casas, em Marau.



## Dia 5 – SEGUNDA: (S. Rosa, Rio Colorado – Patagônia – Puerto Madryn)

Despertamos cedo mais uma vez, pois pretendíamos ingressar na Patagônia antes do almoço. Chovia o que tornava as ultrapassagens mais difíceis e perigosas. Lena e Raquel dormiam no colchão que adaptei atrás do meu acento. À medida que o clarão do dia ia chegando o tempo também foi melhorando, até que a pista secou por completo. Agora podíamos admirar a planura fértil *del pampa argentino* com suas pastagens cobertas de *ganaderia*, plantações de *maíz*, de girassol, de soja a perder de vista...

A Ruta 5 continuava esplêndida, o trânsito de veículos foi diminuindo e aumentávamos sempre mais a velocidade. Depois de Santa Rosa *el pampa fértil*, foi minguando, veio Sierra Grande e, com o escalear do sol e o progressivo desaparecimento das nuvens, a vegetação foi escasseando, tornando-se o chão cada vez mais arenoso e o clima quente. Depois, as retas intermináveis das Rutas 35 e 154 nos levaram monótona e tardiamente ao primeiro almoço de *parrillada con papas e lechugas*, num restaurante poeirento ao lado do primeiro posto, *estación de servicios*, com *nafta subsidiada* (1,13r p/l), depois de passarmos pela vistoria fronteiriça. Estávamos em Rio Colorado. Um autodoor nos dava Boas-vindas à Patagônia.<sup>4</sup>



Na imensidão da Patagônia



Puerto Madryn

Nestas *rutas*, quase sempre retas, onde não se tem quase nada a apreciar, pois a paisagem é quase sempre a mesma, se faz silêncio e o pensamento voa.

---

<sup>4</sup> Tida como uma das mais belas regiões do planeta, de paisagens únicas e impressionantes, a Patagônia compreende uma imensa área (maior do que o México) ao sul do Chile e da Argentina, limitada ao norte pelo Rio Colorado e ao sul pelo estreito de Magalhães. Quando a gente olha o mapa em direção ao sul do globo, é a Antártica que deveria ser considerada o *fim do mundo* (o cientista britânico Charles Darwin foi o primeiro a dizer que aqui é o fim do mundo), mas quem leva a fama é a Patagônia (nome que, segundo a lenda, foi dado pelos primeiros navegadores, da frota de Magalhães, que viram grandes rastros de gente na neve: *pata*=pé=>*pezão* = terra de gigantes).



Longe de tudo, nos leva a momentos de reflexão. Então, surgem perguntas existenciais como: “*dónde voy, dónde estoy, quién soy yo, qué hora es, dónde estaré?*” como dizia a letra de uma canção que ouvimos em solo argentino.

Depois de se viajar por um ou dois dias, por esta terra que nada tem a ver com o ‘pampa gaúcho’, a impressão primeira é de que na Patagônia não há nada a não ser vento, pedra e uma vegetação escassa e espinhenta. É, de fato, um grande vazio inóspito, mas que produz em nós um sentimento de plenitude, de significância e, talvez por isso mesmo muito tempo depois, esta paisagem continua impregnada em nossa mente.

Era ainda no meio da tarde, que por aqui costumam ser bem mais longas do que as nossas, quando deixamos a Ruta 3 e descemos para Puerto Madryn. Esta bela cidade litorânea, onde logo visualizamos um Cruzeiro atracado no final de um longo trapiche, estava envolta numa poeira branca que a fúria do vento patagônico levantava do chão calcáreo. Os hotéis, esbanjando turistas, não faziam questão de hospedar *matrimonios* com *niñas*, e por isso, depois de muito perambular, decidimos aceitar a sugestão da central de Informações Turísticas (*Centro de Informes*), rumando para a casa de uma professora, nos confins da cidade, numa rua limítrofe com a estepe, onde o vento poeirento invadia todos os recantos, uivando à noite como lobos do Alaska. Por duas vezes 150 pesos dormimos uma noite e meia, neste ambiente que fez o Diógenes lembrar dos filmes de “farwest”. Depois de viajarmos por mais de 1.130 km, qualquer pousada nos servia. Aliás, é lá fora das paredes de um hotel que a vida acontece, fascina, instrui. Além do comodismo, esta prisão implacável... há sempre alguém armando uma barraca ou olhando para os lençóis de uma humilde hospedaria e tentando adivinhar se eles foram trocados depois do último hóspede. Isso é vontade de viver, (e não de sofrer, como alguns pensam) de extrair algo mais do mundo pelo qual passamos rapidamente. Estávamos a 2.980 km de casa. E os ventos da Patagônia confirmavam de que estávamos bem distantes das terras do *minuano*.

#### **Dia 6 – TERÇA: (Puerto Madryn, Península Valdés: Puerto Pirâmides)**

Depois do café, viajamos a beira-mar e visitamos o centro, onde trocamos reais por pesos (1/130) e dólares (1/280). Depois voltamos para a Ruta 3 e retrocedemos até a Ruta 2, que nos conduziu a Puerto Pirâmides onde tivemos um almoço a base de peixe, regado com bom vinho, com uma excelente visão para o mar azul. Até aqui foram 100 km de asfalto, depois tudo *rípido*. Respeitando a sinalização, percorríamos com cautela este famoso Santuário Ecológico na esperança de vermos pingüins, focas, baleias, lobos marinhos... mas vimos, sim, muita pele de ovelhas atropeladas pelo caminho, grupos de *guanacos*, algumas “*angolistas*” *em miniatura*, e, lá no final da ruta 52, no lugar chamado de Caleta Valdés...do alto, avistamos, fotografamos e



filmamos, com as câmaras do Scorsatto, quase duas centenas de elefantes marinhos, muitos deles nadando à beira mar, outros se espreguiçando na areia.



Guanacos



Puerto Pirâmides – Península Valdés

Os informativos turísticos informam que por aqui na Patagônia vivem pequenos animais como tatus, lebres, *zorros* ... provavelmente provinha destes últimos o cheiro forte, que sentimos, em diferentes regiões da Patagônia, e que nos fazia lembrar do inconfundível zurrilho dos nossos campos gaúchos.

Lá pela meia tarde retornamos para Puerto Madryn, prometendo às meninas de que no dia seguinte iríamos a Punta Tombo para vermos pingüins aos milhares. Nesta altura da viagem percebemos que *las niñas*, estavam *ablando* portunhol *mejor do que nos otros*. Para elas tudo era alegria, não reclamavam dos contratempos da viagem. Nosso grupo, com certeza, não era um grupo de aventureiros. Nosso objetivo era conhecer novas paisagens, aprender algo mais sobre estas terras e, com certeza, fugindo do perigo de ficar mofando em frente à televisão. Se por aqui fora, longe do aconchego do lar, o mundo não é tão confortável, sem dúvida, é bem mais divertido e gratificante.

### **Dia 7 – Quarta: (Los Altares, Paso de Los Índios, Tecka, Comodoro Rivadavia, Caleta Olívía)**

Quando iniciamos o 7º dia de nossa viagem, rumo ao *fin del mundo*<sup>5</sup> ainda era escuro e, por causa disso, em Trelew, no trevo que desvia para Rawson, capital da província de Chubut, seguimos pela direita, ao invés de prosseguir pela Ruta 3. Quando nos demos conta do engano, já estávamos próximos ao desvio que segue até o Dique Fiorentino Ameghino<sup>6</sup> no rio

<sup>5</sup> Os argentinos fazem questão de vender esta imagem, sobretudo quando falam de Ushuaia. E os turistas fazem questão de levar para casa uma foto ao lado das placas de que dão conta de que estamos no *fin del mundo*.

<sup>6</sup> Fiorentino Ameghino, paleontólogo argentino, notabilizou-se no mundo científico ao defender a tese de que a Patagônia é o berço da humanidade.



Chubut. Este desvio era nossa última chance para retornar a Ruta 3, porém, a maior parte do caminho não era pavimentado e por isso decidimos prosseguir.

A região é praticamente desabitada e, por pouco, não ficamos sem combustível. E eu bem que estranhei a direção do sol, que às vezes ficava às nossas costas, quando não pela nossa direita. Enfim, depois de muitas ‘banguelas’, avistamos algumas casas e uma *estacione de servicios*. Estávamos em Las Plumas e fazia bastante frio naquele chão de um branco arenoso e vegetação escassa.

Perdemos a oportunidade de ver os pingüins de Punta Tombo, mas, em contrapartida, passamos por *Los Altares*, uma das Sete maravilhas da Argentina: mais de 25 km de paisagens fantásticas, formadas pela água, pelo tempo e o vento. Estas formações rochosas esculpidas em forma de Altares, muralhas, paredões, vulcões, pirâmides... ao longo do rio Chubut, são ainda pouco divulgadas entre nós brasileiros.



Los Altares



Rio Chubut

Na altura de *Paso de los Índios*, já na Ruta 62, avistamos ao longe, sob algumas nuvens, os picos nevados dos Andes próximos a Esquel, com estações de esqui que rivalizam com as de San Carlos de Bariloche. Próximos a Tecka seguimos pela esquerda num ângulo de quase 45°, na direção sul. O almoço aconteceu em Gdor. Costa, cidadezinha típica dos filmes de aventureiros do oeste, numa planície que se estende entre a Cordilheira e as elevações do centro da Patagônia. O vento gelado, apesar do sol do meio-dia, me fez lembrar de São José dos Ausentes, quando num dia 22 de dezembro vi gente vestida de poncho. Na rua não parava ninguém. No restaurante as pessoas, com cara de índio, nos observavam com certa curiosidade. Nós discorriamos sobre a surpreendente paisagem por onde passamos por mero engano, contabilizávamos o tempo e a quilometragem acrescentada ao nosso projeto de viagem, enquanto não chegavam os bifes com *uevos* acompanhados de *papas fritas*, *pan* e *ensalada* de tomates com *cebollas*.



Depois da região dos lagos de Sarmiento começaram a aparecer os *cavalinhos* extratores de petróleo, até Comodoro Rivadavia, onde completamos o tanque num posto da Petrobrás, a 0,75 centavos o litro. Nossa 7ª pernoite aconteceu no hotel Capri (segundo a Lena o pior da viagem), em Caleta Olívía, que ostenta em sua avenida principal, um monumento a *Garosito*, descobridor do petróleo na Patagônia.

Foi aqui, pouco antes de jantarmos pizzas, que utilizamos um *locutório* para conversar com Da. Teta e o Trio Mosqueteiro, a Isabel, etc. A Ivone está em boa recuperação das críticas cirurgias que tem passado, e os demais todos bem, torcendo pelo sucesso de nossa viagem.

### **Dia 8 – Quinta: (Embarcadero Bahia Azul del Ferry – Canal Fernão de Magalhães, Rio Grande)**

Nosso 8º dia começou às 6 horas, parando para abastecer nas proximidades de Puerto San Julian, região quase totalmente plana, depois de cerca de 200 km de *calzada* defeituosa. Foi numa saída para um desvio, de chão ondulado e cheio de pedrinhas redondas e que por aqui chamam de *rípío*<sup>7</sup>, que por pouco não capotei. Com muito custo consegui dominar o carro que, devido aos saltos e pedrinhas, teimava em querer sair da estrada. Os anjos nos livraram de mais esta, a mim e as duas que até então dormiam no dormitório improvisado. Os desvios, às vezes de 15 a 20 km, costumam ser poeirentos e traiçoeiros, devido à camada de pedrinhas soltas, selecionadas da natureza a moda de cascalho. Depois a pista melhorou e viajávamos a 140 km/h, apenas perturbados pelas rajadas do vento forte, típico desta região. Por isso, a poucas árvores, crescem meio deitadas.

A certa altura, numa descida em grande curva, dois *pastores* a cavalo, no meio da pista, acenavam com panos vermelhos para que parássemos. Foi uma cena rara, impressionante, que continua bem viva na retina: milhares de ovelhas (segundo a Lena umas 500), num rebanho contínuo em movimento ondulante cobrindo o asfalto e o pampa adentro. Eram conduzidas por cinco homens a cavalo auxiliados por meia dúzia de cães adestrados. Depois de algumas fotos, tiradas pela Valdirene, prosseguimos, deixando à nossa esquerda Rio Gallegos, capital da província de Santa Cruz, terra dos presidentes Nestor Kirchner e sua esposa Cristina.

Pouco tempo depois do meio-dia um painel de beira da estrada nos acenava com *Bienvenidos a Chile*.

---

<sup>7</sup> Material encontrado na natureza, que vai desde a poeira microscópica até pedras do tamanho de um punho: resultado da erosão das geleiras nas pedras das montanhas.





A 1ª das 4 entradas no Chile



A única foto do Canal Fernão de Magalhães

Em seguida, tivemos que enfrentar a burocracia da *Aduana* e *Gendarmeria* chilena. Cada condutor de veículo, com seus acompanhantes, recebia, uma *tarjeta* com quatro quadrados, correspondentes às repartições por onde deveríamos passar por vistorias e receber o carimbo correspondente e, assim, sermos liberados lá adiante. Esse processo, *trámites*, parcialmente informatizado, costuma durar, em tempos de férias, uma hora. Contando entradas e saídas, tivemos que enfrentar esses *trámites* por 16 vezes, incluindo a passagem pelo Uruguai. Neste aspecto o Brasil é um país sem fronteiras, de portei­ras abertas. Foi durante estes *trámites* que, emprestando casualmente minha caneta para o Gabriel - moço vestido de forma e cores extravagantes -, descobri um novo parceiro de viagem, pois nos de reencontraríamos, posteriormente, em diversos pontos da viagem.

O Gabriel, que já tinha passado por aqui cinco anos antes, viajava numa EcoSport tendo como companheira uma simpática sul-coreana à qual se juntou desde quando se encontraram na Índia, enquanto completava uma viagem pela Ásia, depois de trabalhar por cinco anos como pedreiro na Austrália. Pois o menino viajado era daqui de Garibaldi. Foi ele quem nos tranqüilizou, depois de estacionados por mais de duas horas atrás de uma fila enorme de automóveis, caminhões e ônibus que esperavam para cruzar pelo Canal Fernão de Magalhães, cujas águas estavam rebeldes devido à ventania. - “Não se preocupem, disse ele, lá pela tardinha, o vento acalma”. De fato, lá pelas 7 horas da tarde a fila começou a andar. Enfim chegou nossa vez de embarcarmos sobre uma das duas balsas, junto com outros 40 carros, incluindo caminhões e ônibus.<sup>8</sup> De quando em vez alguma onda batia com força na lateral da balsa, respingando água sobre tudo e sobre todos. Enquanto fomos pagar a taxa de 23

---

<sup>8</sup> A força do vento daqui é impressionante, parecia que queria tombar nossos carros. Ao baixar o vidro do carro, os cabelos longos da Valdirene não queriam mais entrar. Ensaiei uma corrida e tropecei nas minhas próprias pernas, voando meu boné entre a pequena vegetação espinhenta da lateral.



dólares pela travessia, Lena junto com a Raquel e a Raissa rezavam para espantarem o medo de afundarmos.

Meia hora depois já estávamos novamente em terra firme, *Islã Grande de Tierra del Fuego*. Essa região ficou assim conhecida desde o tempo em que os companheiros de Fernão de Magalhães avistaram muitas fogueiras em torno das quais os nativos (Yámanas) procuravam se aquecer à noite.

Mais uns 20 km de *pavimento* e uns 120 de *rípio*, *los trámites de frontera*: as aduanas de entrada e saída... e às 23h e 50min entrávamos na cidade de Rio Grande,<sup>9</sup> com seus 51 mil habitantes, capital da *Tierra del Fuego* de Argentina. Os termômetros sinalizavam 1°C. Na busca por um hotel (Raisson?), o Diógenes nos perdeu de vista, nos reencontrando depois de meia hora. Quando fomos dormir, depois de tirar a poeira com um banho nas *suítes* com calefação, era o início do outro dia. Por aqui os carros ficam na *calle*, mas nos tranqüilizaram: “*Por acá, non hai ladrones...*” De fato, esquecendo o vidro do lado direito totalmente aberto durante a noite, ninguém tocou em nada.

### **Dia 9 e 10 – Sexta e sábado: (Lago Fagnano - USHUAIA – Hotel Aparts Cardenal, Tren fin del Mundo, Bahia de Lapataia, Lago Roca, Glaciar Martial)**

Levantei mais cedo do que os demais e procurei pela agência da Renault, pois precisava trocar o óleo do motor e repor um parafuso perdido pela estrada de *rípio*, *tramo enripiado*, da noite anterior. Fizemos tudo com calma, pois tínhamos pela frente apenas 240 km, até chegar a Ushuaia.

Pouco tempo depois de retomarmos a *Ruta 3*, a paisagem começou a mudar: um pouco mais de capim verde nos campos já com algum gado bonito, coisa que não se viu mais depois de nossa entrada na Patagônia. Depois, aos poucos foram surgindo algumas árvores: no início pequenas e barbudas, depois sempre mais altas, até formarem a floresta de onde as *serrarias* continuam a extrair troncos de *lengas* e outras espécies. Até mesmo o ar havia mudado: mais úmido, cheirava a verde...

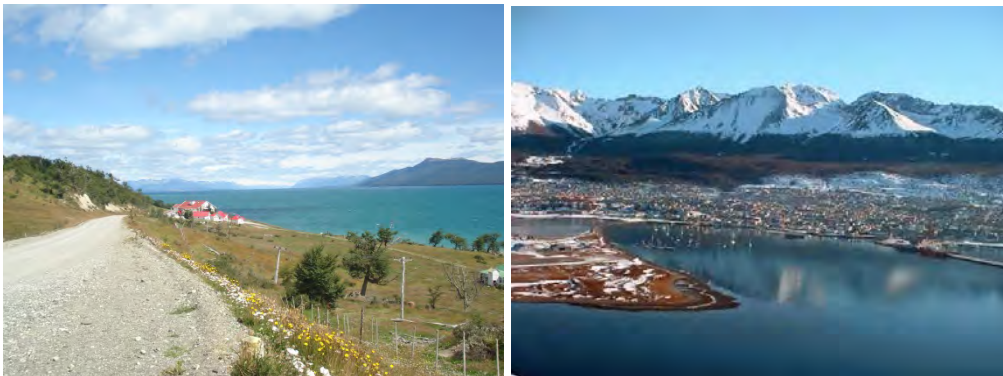
---

<sup>9</sup> Rio grande é uma cidade rente ao mar que, cheio de capim, mais parece uma lagoa estendida a perder de vista. A monotonia da planura das ruas e avenidas principais é compensada por estranhas esculturas – *tramas de canos de ferro formando triângulos, arcos, círculos, losangos e outras formas geométricas* – e também pelo colorido dos canteiros de flores irrigadas... além dos monumentos construídos aos heróis da pátria, tombados na Guerra das Malvinas.





Depois o azul das águas do lago Fagnano – gosto de visualizar na área de trabalho uma bela paisagem repassada pela câmara da Valdivirene - as primeiras montanhas com neve no topo. Nosso almoço – *truchas, huevos*, arroz ... - foi num lugarejo simpático, próximo ao lago Fagnano, onde provamos uma sopa de legumes incomparável, da qual a Lena nunca mais esqueceu. O casal Scorsatto, como sempre, provou dos melhores vinhos. Sol, raras nuvens no céu azul, como as águas dos lagos, o verde e as montanhas formavam uma paisagem nova, alegre, colorida, fazendo esquecer um pouco da monótona Patagônia.



Passamos os dias 9 e 10 visitando os arredores da simpática Ushuaia que, com suas casas coloridas pela encosta acima, nos fez lembrar de Gramado e Canela. O alto preço dos hotéis do centro, nos fez encontrar um *apartamento* muito aconchegante, El Cardenal, de onde se tinha uma boa visão da cidade com seu porto e aeroporto no meio do Canal de Beagle. Ushuaia deve ser muito bonita no inverno, quando a temperatura média é 0°, chegando às vezes a 20° negativos. Mesmo nesta época de verão, faz frio e a vida noturna acontece dentro de casa, dos bares e restaurantes, tudo com calefação.

Dentre todos os lugares desta “Tierra de húmus”, onde chove quase todo dia, o que mais apreciamos foi do Parque de Lapataia, do Lago Roca e do



*Glaciar Martial*, próximo da cidade, onde um teleférico, por 25 Pesos nos transporta até a neve. A família Scorsatto e a Raquel adoraram, “*sacando muchas fotos*. A Lenita, que tem medo de altura, perdeu esta oportunidade.

É na Bahia de Lapataia que *finaliza la Ruta 3*, onde todos tiram fotos junto ao painel que sinaliza 3.063 km de Buenos Aires e 17.848 km do Alaska.<sup>10</sup> Raissa, decidiu não mostrar o rosto e, na foto da família e do grupo permaneceu de costa.



Os últimos 18 km da Ruta 3, de Ushuaia ao Porto Estreito de Lapataia, não são de pavimento, mas de uma estrada macia, formada por brita fina e úmida, ladeada por *lengas* e outras árvores verdes, típicas desta região, onde as

<sup>10</sup> Nossos *coches* tinham percorrido 4.530 km, contabilizando os desvios, é claro.



chuvas são freqüentes. As meninas, niñas gostaram do *Tren fin del Mundo*, cuja ferrovia foi construída por apenas no início do século passado.



Particularmente gostei das paisagens e dos lagos como o Lago Roca, com suas águas límpidas e o fundo coberto com pedras coloridas, das quais trouxemos dois quilos, as mesmas que hoje cobrem a terra do vaso da entrada do edifício Enkanto, prédio em que moramos. As fotos à beira dos lagos azuis emoldurados pelas montanhas com seus picos cobertos de neve, tiradas pela família Scorsatto, ficaram muito lindas.



Lago Rocca



Glaciar Martial

Teria valido a pena permanecer por mais alguns dias nesta região encantadora, contudo, o cumprimento de nosso Roteiro de Viagem exigia pressa.



**Dia 11 – Domingo: (Punta Arenas – Zona Franca e Monumento a Hernando de Magallanes).**

Ao partirmos de Ushuaia, na madrugada do dia 11 de fevereiro, já tínhamos percorrido 4.591 km, desde que partimos de Marau, 1/3 do que haveríamos de percorrer ainda. Foi por isso que partimos no clarear das 5 horas. Nesta região, de meados a fim de dezembro, o dia permanece claro até às 10 horas da noite. No caminho de volta, pelo mesmo percurso da vinda até o desvio para Punta Arenas, para além do Canal Fernão de Magalhães, fizemos mais uma parada para apreciar a paisagem no Lago Fagnano. Me chamou especial atenção: um *Jesus Crucificado* na beira do mar, a estrutura das grandes fazendas onde extraem a lã das ovelhas, os poços de gás natural da Terra do Fogo. Dizem que foi pela riqueza mineral do subsolo foguino que a Argentina lutou tanto contra as pretensões chilenas, disputa que chegou ao fim em 1978, com a intervenção de João Paulo II.

Nosso almoço foi à beira do Canal Fernão de Magalhães, enquanto esperávamos a chegada da Balsa, *embarcadero*, depois de enfrentarmos mais uma Gendarmeria. Desta vez as águas estavam bastante tranqüilas.

Por volta das 14 h já estávamos na Zona Franca de Punta Arenas, em busca de material fotográfico. Era domingo e nem todas as lojas estavam abertas. Fazia bastante calor, uma raridade segundo os habitantes daqui. Enquanto *las niñas* se divertiam subindo e descendo escadas rolantes, deixando um guarda furioso com o descuido *de sus padres e* madres, comprei uma Filmadora Sony, com três *cintas* e um chips de um giga, para um mínimo de 1950 fotos. A Raquel foi a primeira a querer tirar proveito logo que chegávamos ao centro de Punta Arenas, uma bela cidade com seus 121 mil habitantes. Enquanto fazíamos as primeiras fotos, o toque dos belos sinos da Catedral, convidavam para a Missa das 18 horas.

Punta Arenas é a cidade mais austral do Continente, já que Ushuaia está na *Tierra del Fuego*, que é uma grande ilha, repartida por duas nações. A praça central ostenta um grande monumento em homenagem a Fernão de Magalhães, construído em comemoração aos 400 anos (1898, que nos dá uma idéia de como esta cidade é antiga e tão importante para a história do Chile) da primeira travessia pelo Canal que une os dois oceanos: Atlântico e Pacífico. O pé de um dos marinheiros, a exemplo de um dos seios de Julieta em Verona, está sempre lustroso. Diz uma lenda que: “quem passar a mão nesse pé, algum dia retornará à Punta Arenas”. Por isso, *las niñas* fizeram questão de fazê-lo, na esperança de “voltarem com seus namorados”. Além deste monumento, os folders turísticos



recomendam que se visite o Cemitério Monumental e o Museu Salesiano.



As 3 aos pés do Monumento F.Mag.



Monumento ao Vento da Patagônia

Pernoitamos num hotel de madeira (Mercúrio), dois pisos, muito aconchegante, com calefação e banheiros excelentes. (A diária no Hotel Central era de 350 dólares, aqui 76). Como no dia seguinte pretendíamos visitar a Pingüinera de Punta Arenas, não muito distante, decidimos que partiríamos somente depois do café do dia seguinte.

### **Dia 12 – Segunda: (Pingüinera – Puerto Natales – Parque Torres del Paine El Calafate)**

Chegamos à pingüinera por volta das 9 horas, depois de percorrermos uma distância de 93 km, 38 dos quais em *rípio*, e muito sinuosa, porém, quase plana. Como éramos os primeiros a cruzar por aí, as lebres saltavam a nossa frente a todo instante, às vezes diversas ao mesmo tempo. Nunca vi coisa igual. Avistamos também diversas emas, por aqui chamam-nas de *ñandú*. Quando chegamos ao local de acesso à pingüinera, por volta das 9 horas, logo começamos a ouvir o canto de seus 10 mil habitantes.



Éramos os primeiros visitantes naquele dia frio, bem diferente do anterior. Depois de comprarmos os bilhetes de acesso (4 dólares cada), as



meninas seguiram na frente sobre o alambrado, espécie de estrada ripada serpenteando em meio ao terreno coberto por capim alto, onde os pingüins fazem seus ninhos e tocas. Foi uma estréia notável para a câmara comprada na Zona Franca de Punta Arenas. Quando retornamos ao local de entrada, depois de aproximadamente uma hora de caminhada até beira mar, o estacionamento estava quase lotado por ônibus e automóveis. *Las niñas estaban contentes, más un sueño se realizo.*



Voltando ao asfalto, rodamos por uma região interessante: muitas ovelhas pastando em paragens onduladas a perder de vista, se parecendo aos nossos campos chamuscados pelas geadas; artísticas paradas de ônibus em madeira, com lixeira enfeitada ao lado, surgiam de quando em vez, numa região quase desabitada; um vento forte, que nos obrigava a segurar o volante meio torto, motivou a construção de um estranho monumento ao vento: espécie de círculos no alto de uma série de enormes postes de concreto em fila, três de cada lado da estrada.

Quando chegamos a **Puerto Natales**, por volta do meio-dia, ainda continuava frio e a Scénic marcava 71.890 km (6.739 rodados). Puerto Natales, 15 mil hab, é capital da *Província Ultima Esperanza* (não descobri o porquê deste nome). Almoçamos no restaurante *Ultima Esperanza*: o salmão regado com bom vinho chileno, estava ótimo, mas a sopa, encomendada pela Lenita, estava de mau humor. Neste porto também estava atracada uma embarcação turística, provavelmente dali seguiam em ônibus para o **Parque Nacional Torres del Paine**, a duas ou três horas de viagem.<sup>11</sup> O caminho, dali por diante, quase todo em *rípido*, com alguns trechos em pavimentação, é cheio de entroncamentos, nos obrigando a parar algumas vezes para pedir informação. De repente, enquanto subíamos, vinha no sentido contrário uma pickape em alta

---

<sup>11</sup> Depois fiquei sabendo que de Puerto Natales parte Skorios III, um navio para apenas 125 passageiros, que entre setembro e abril, realiza roteiros de 6 dias em que a grande atração é o show da natureza: fiordes, glaciais – como Pio XI, o maior campo de gelo do sul, com 60 km de comprimento -, parques – como Torre del Paine, etc.



velocidade, jogando pedras para o alto. Uma dessas atingiu o parabrisa da Scénic, deixando uma roda em cacos prestes a se soltarem. Felizmente fomos socorridos por viajantes prevenidos com *cinta*, como nos havia prevenido Gabriel, enquanto atravessávamos o Canal Fernão de Magalhães.

Mais adiante um jovem casal de italianos, Paulo e Cristina de Turin, nos pediram carona. Tinham chegado a Buenos Aires há poucos dias, com planos de uma viagem de 4 meses pelos países do Cone Sul, retornando por Foz do Iguaçu, Brasil. Quando chegamos na entrada do Parque, um pouco além de *Laguna Amarga*, eles seguiram à pé, com suas mochilas às costas. Paulo me contou que pretendiam explorar boa parte das atrações do Parque, durante mais de uma semana.



As belas paisagens do parque



Torre del Paine

Nós, como estávamos atrasados em nosso Roteiro de Viagem, fotografamos as Torres, filmamos e retornamos até a fronteira com a Argentina (Cerillo), onde encaramos as Gendarmerias de entrada e saída.

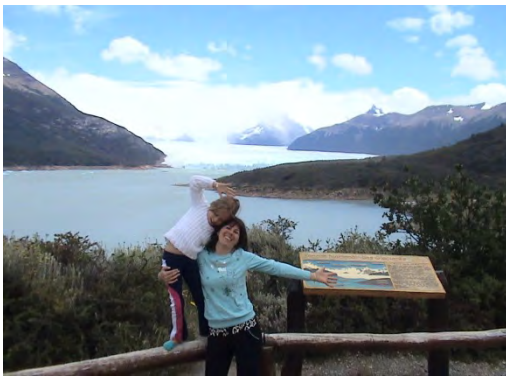
Na primeira, a dos Chilenos, topamos com alguns motoqueiros loiros, nos chamando atenção um casal de gigantes alemães cobertos de poeira. Depois de alguns km, novamente asfalto, até alcançar a Ruta 5 em Esperanza. Seguimos, depois, em direção a El Cerrito, à medida que aumentava a altitude baixava a temperatura, até os 5°C. Chegando a El Calafate por volta das 22 horas, onde encontramos ótima pousada nas cabanas de *Santa Mónica Aparts* (150 dólar). À noite os restaurantes fervilhavam de turistas da mais variada fauna humana. O dia seguinte reservava grandes emoções, por isso nos *quedamos más temprano*.

### **Dia 13 – Terça:(Parque Nacional Los Glaciares - Glaciar Perito Moreno - Puerto San Julián)**

Depois do café, na aconchegante *cabaña* do *Santa Mónica Aparts*, onde Valdirene esqueceu os lençóis no sofá-cama da sala, seguimos em direção ao Glaciar Perito Moreno, um dos mais visitados do mundo. O sol às nossas



costas, à direita as águas azuis do Lago Argentino. Depois, dobramos para a esquerda, contornando o Monte Mitre (1.565m), tendo à nossa esquerda as águas de um azul escuro do *Brazo Rico*, que dentro de alguns anos, com o degelo, se unirá às águas do Lago Argentino. A estrada foi se tornando mais tortuosa e a paisagem cada vez mais linda em meio as *lengas*, árvores típicas das regiões frias. Os últimos quilômetros, da estrada em construção, são de uma poeira infernal. E, finalmente, depois de 80 km, uma parada para apreciar o Glacial à distância. Está lá, diante de nossos olhos, um paredão de 2 mil metros de gelo. À primeira vista, como bem lembrou o Gilmar Zanella, aquele paredão nos faz lembrar daquelas “geadonas” em terra úmida da beira da estrada.



O geadão visto à distância



40 a 60 metros de altura

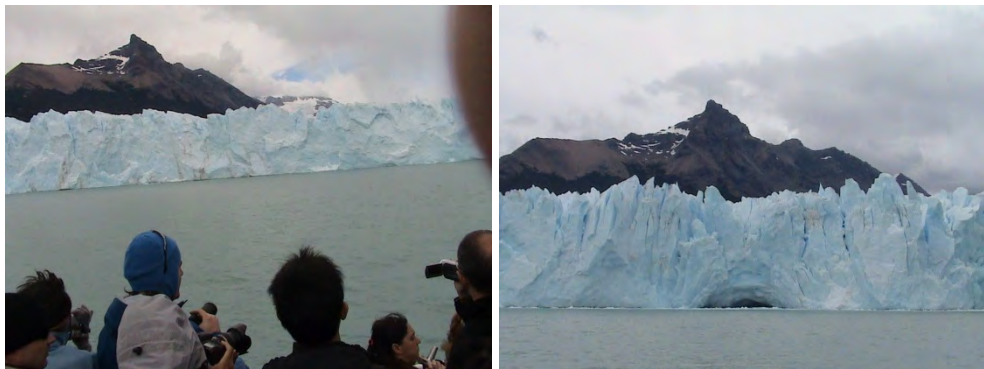
Depois de mais alguns quilômetros de poeira se chega ao Centro Turístico, com estacionamento, restaurantes e outros serviços. Ali está o braço norte do *Glaciar Perito Moreno*, com seu paredão de 40 a 60 metros de gelo acima das águas, que se mantém a uma temperatura média de 2 a 5 °C. Alguns blocos de gelo, a modo de icebergs flutuam pelas águas do lago à nossa frente.

Depois de algumas fotos, desde o *embarcadero*, muitas outras fizemos enquanto viajávamos no barco que nos conduziu até as proximidades do paredão de gelo.





Era até bonito de se ver tantos tipos da espécie humana num mesmo barco: italianos, japoneses, alemães, franceses, coreanos, americanos, além dos latino-americanos. Todos com suas filmadoras e câmaras fotográficas procurando enquadrar no melhor ângulo o gelo azulado que estendia por 2,5 km à nossa frente.



Diante de tanto gelo, eu me perguntava: Por que será que todo esse gelo ainda não se derreteu? Afinal, estamos a milhares de quilômetros do pólo sul e a apenas 500 metros acima do nível do mar. O Monte Moreno, o mais alto que se avista por trás do paredão de gelo, tem apenas 1.640m e o mais alto da região, o Cervantes, 2.380m. E saber que este glacial se estende por cerca de 200 km entre os Andes argentinos e chilenos, com diversos lagos nas beiradas que foram se formando ao longo do tempo.

Mas o degelo está se acelerando nos últimos anos, como bem dá para se visualizar nas maquetes dos *miradores* da beira da estrada. Aceleração provocada pelo aquecimento global, fruto do nosso mau trato com a Mãe Terra. Quem parte de El Calafate e se dirige a Puerto Punta Bandera, pode seguir de barco pelo *Brazo norte do Lago Argentino*, até os Glaciais Upsala, Spegazzini, Mayo e outros. Do lado chileno o mais famoso é o *Glaciar San Raphael*. Nesta



região os guias turísticos apontam outros atrativos como: o Monte Fitz Roy ou Chalten com seus 3.102m, adiante do Lago Viedma, a 218 km de El Calafate.



Como tínhamos pouco tempo, renunciamos a todos e, neste mesmo dia, retomamos a estrada em direção a Ruta 3, próxima a Rio Gallegos, prosseguindo até Puerto San Julián, onde chegamos por volta das 21h e 30min. Tínhamos percorrido mais 876 km neste dia 13 de fevereiro.

#### **Dia 14 – Quarta: (Puerto San Julián – Caleta Olívia – Perito Moreno)**

Puerto San Julián é uma cidade histórica. Foi nesta baía, protegida por uma península, que o navegador *Hernando Magallanes* atracou sua frota de 5 navios, com 265 homens, em 1520, para abrigar-se do rigor do inverno, antes de prosseguir para contornar o sul do continente americano.<sup>12</sup> Uma réplica da *Nao Victoria* foi construída a beira-mar, constituindo-se num dos atrativos mais importantes da cidade. Foi aqui que surgiu o mito dos patagônicos (devido aos grandes sinais das *patas*, como lembramos anteriormente, acabaram imaginando gigantes habitando esta terra inóspita). Daqui partem, hoje, muitas excursões para *El Circuito Costero*, uma região natural onde a Fauna e a Flora se encontram preservadas.

Devido ao grande fluxo de turistas, neste época do ano, todos os hotéis estavam lotados e foi difícil de encontrar um “*apart hotel*” em casa de família. Já era depois da meia-noite, quando nos instalamos na casa de Da. Suzana. Da. Suzana, por 240 pesos nos entregou a chave da própria casa, deixando-nos a vontade para desfrutar inclusive do que havia na geladeira. Durante o café da manhã, nos falou sobre os doces desta região: de *corintio*, de *calafate*, etc. Foi muito simpática e a pousada nos deixou novamente bem dispostos. O almoço

---

<sup>12</sup> Dos cinco barcos só três conseguiram chegar às águas do Pacífico e dos 265 homens, somente 18 retornaram a Sevilla, a bordo da nau Vitória, três anos mais tarde. Dentre estes, o italiano Simone Pingafetta, de Firenze, que escreveu o diário de bordo. Fernão Magalhães morreu nas Ilhas Molucas.



foi em Caleta Olívia. Dali seguindo pela Ruta 43, percorremos a região dos “cavalinhos” que bombeiam petróleo, até chegarmos a Perito Moreno perfazendo mais 650 km.

Perito Moreno é uma cidade do tamanho de Bom Jesus, não muito distante do lago Buenos Aires. Chegamos por lá no fim da tarde e o vento gelado nos fez sentir o maior frio de toda a viagem. Tínhamos que descansar, pois, no dia seguinte haveríamos de enfrentar muito *rípido* até chegar a Carretera Austral, no Chile. Ao invés de prosseguir por *Los Antiguos* até Chile Chico, resolvemos encurtar o caminho, seguindo para Puerto Ibañes, contornando o Lago Buenos Aires. O caminho, apesar de constar nos mapas, era praticamente desconhecido de todos quantos abordávamos. Dormimos no Hotel Americano, que nos explorou até no mísero café da manhã.

### **Dia 15 – Quinta: Los Estraviados – Lago Buenos Aires – Coyahique – Puerto Aysén.**

Com o despontar do sol estávamos na *estaciones de servicio* enchendo o tanque, pela última vez, com *nafta* subsidiada. Depois pegamos a estrada de *rípido*, em direção ao aeroporto. Fazia muita poeira, por isso viajávamos a certa distância um do outro, a uma velocidade entre os 60 e 80 km, com muito cuidado, pois as pedrinhas traiçoeiras estavam, muitas vezes, amontoadas no meio da pista numa altura de 15 a 20 cm. Apesar de o mapa sinalizar diversos nomes como Ea. Perla Ivonne, Ea. El Cento, Ea. Bhaia, não se via nenhuma moradia e a ruta *enrripada* e larga, com pouquíssimas curvas, prosseguia deserta. De quando em vez um grupo de *guanacos*, pouco acostumados com o trânsito de veículos, corria em disparada pela estepe. Aos poucos os Andes foram se aproximando, com o topo coberto de neve. E enquanto parecíamos descer ao invés de subir em direção à cordilheira, em silêncio eu me perguntava se, lá adiante, já próximos das montanhas, deveríamos prosseguir pela direita ou pela esquerda, em linha reta parecia impossível.

Fizemos uma pequena parada para conferir os pneus e tirar umas fotos dos *guanacos* e dos Andes. Até o momento nenhum ser humano, nenhuma casa e já se passaram mais de duas horas de viagem. Prosseguimos até chegar numa bifurcação. Paramos em frente à placa na qual estava escrito: “Fazenda los Estraviados”. E agora, por onde vamos prosseguir? Optamos pela direita. A estrada foi estreitando, cruzando pequenos córregos, desviando pedras e mais pedras, cruzamos por uma ponte estreita, beiramos um paredão, depois de mais um passo perigoso... avistamos uma fazenda à esquerda, na frente da qual um homem estava mexendo num pequeno trator. Deixando o carro, passei pela cerca e me dirigi ao encontro dele com certo receio, pois três cães raivosos partiram em minha direção. O homem de meia idade, cabelos pretos, meio



índio, saltou do trator e começou a esbravejar com os três cães que, já me cercavam de □xtr arrepiado. “*Ustedes* tem que *volver*. A passagem fronteiriça está ao lado do Lago Buenos Aires”. Infelizmente tivemos que retornar até a fatídica placa que parecia rir de *los □xtraviados!* E então se andava a velocidade das carretas, desviando ou cruzando com as rodas sobre as pedras maiores. De fato, o caminho era semi-abandonado, com certeza fomos os primeiros a cruzar por aí em 2007. (Na verdade, nosso erro já tinha acontecido anteriormente, uns cinco km antes de topar com a placa dos Estraviados. Tínhamos visto, sim, uma saída para a esquerda do retão, mas, não havendo nenhuma indicação, seguimos sempre pela reta e deu no que deu).

Pouco a pouco as pedras foram como que saindo do caminho e se parecia com as nossas estradas de terra, uma terra escura. Ultrapassando o topo do morro, eufóricos saltamos de nossos carros para apreciar a paisagem. “Até que valeu a pena, gente!”, exclamou o Diógenes, saindo do Golf com a filmadora em punho para registrar a surpreendente visão. Lá estava o Lago Buenos Aires, com suas águas escuras, cercado por paredões e montanhas a perder de vista.



Lago Buenos Aires ...



surpresa agradável

Ele seria nosso companheiro de viagem, por mais de duas horas de subidas e descidas íngremes e perigosas. No meio de tudo isso, já bem próximos das águas, a Aduana da Argentina, onde o funcionário mora com a família, cria galinhas e parece se alegrar quando alguém aparece por lá. Depois dos *trámites*, o mais rápido da viagem, prosseguimos em ziguezague morro acima. De repente, vimos lá embaixo, à nossa direita, um pequeno lago povoado por centenas de patos e flamingos. Paramos e fizemos algumas fotos, ouvindo a algazarra. Pareciam nos dar as boas vindas, com a placa a nossa frente: “*Bienvenidos a Chile!*” Depois da descida em curvas perigosas, sobre pedrinhas rolantes, às vezes aos montes, Puerto Ibñes e a Gendarmeria Chilena.



Felizmente, daqui por diante, com exceção de alguns trechos em construção, todo o caminho está pavimentado. A paisagem não era mais a mesma. As árvores, típicas das montanhas com seus picos nevados, são de um verde muito bonito. Paramos algumas vezes para fotografar, mas sem demora, pois já era tarde e pretendíamos almoçar em Coyhaique.



Coyhaique é uma cidade bem cuidada, seus 41 mil habitantes parecem ter consciência da importância de acolher bem os forasteiros. Aliás, o Chile é, provavelmente, o país sul-americano que mais investe no turismo. Por aqui chegam amantes de esportes radicais, de pesca à truta, etc. A paisagem em torno é peculiar: montanhas por todos os lados, o rio Coyhaique cruza ao lado da cidade. Nosso almoço aconteceu lá pelas 13 horas, num restaurante acolhedor e bem limpo. *Las niñas* mataram a vontade de comer *lechugas*.



Após o almoço, visitamos o centro, onde estava acontecendo uma feira artesanal com exposição histórica das origens da cidade. Ao lado da praça pentagonal, onde estavam preparando um palco e muitos jovens e crianças brincavam, visitamos a Catedral, de estilo moderno e toda em madeira.





Las Niñas a presidir a celebração



para os visitantes, antes da neblina

De repente o tempo mudou. Uma neblina fria e densa começou a descer pelas montanhas e percebemos que já era hora de partir em direção a Puerto Aysén, 68 km de uma paisagem bonita, sempre descendo em meio às montanhas. O maior atrativo da cidade parece ser a ponte pênsil, toda pintada de vermelho, como em geral costumam serem pintadas as pontes de ferro.



Ponte de Aysén



onde o Scorsatto saboreou o “cerdo”

Faltavam menos de 20 km para chegarmos ao porto de Chacabuco, mas o cansaço nos fez procurar por uma pousada. *Cabañas Taitao* foi das melhores de nossa viagem: confortável, com ótimo material de cozinha... além do escritório aparelhado com locutório e bom material com muitas informações turísticas. Logo que o sol se escondeu por trás das montanhas, começou a esfriar. O dia fora cheio de peripécias, e o dia seguinte, pela Carretera Austral, prometia ser ainda mais interessante.

### **Dia 16 - Sexta: Mañihuales – Puyuhuapi – Vila Santa Lucia – Lago Yelcho – Futaleufú.**

Os primeiros 80 km foram tranquilos, todos pavimentados. O dia estava lindo, de quando em vez parávamos por uma tomada fotográfica ou, simplesmente, para apreciar a paisagem. Viajávamos sempre entre montanhas



com seus picos cobertos pela neve. Muitos trechos da estrada estão em construção, aterrando, construindo pontes, atalhando curvas, preparando a base para a pavimentação, que por aqui é igual à construção de uma chapa forte, com ferro transado e tudo. Em alguns trechos, *lengas* e outras árvores altas pareciam querer subir mais alto para alcançar o sol.

Cruzamos por inúmeros córregos, duas pontes pênceis, sempre vermelhas, uma delas sobre o Rio Frio. Às vezes parecia que os rios nos acompanhavam à beira da estrada com suas águas, ora verdes ora escuras, como quando paramos sobre uma ponte e fazia muito frio (por aqui o trânsito de automóveis é raro). De quando em vez as águas calmas de pequenos lagos. Às vezes percorríamos florestas intocáveis, onde enormes árvores pareciam exibir seus troncos centenários.



As árvores centenárias



e as belas paisagens da Carretera Austral

Também aqui, como quando viajavamos pela Patagônia, o silêncio cria espaços para o pensamento voar longe, livre, e, por vezes questionador: Será que a ganância acabará também com a beleza do que estamos saboreando? Mas, não será a ecologia o melhor caminho para se atrair o turismo? Se por um lado a ganância do homem nos trouxe o progresso, o desenvolvimento atual, não será esta mesma ambição, por causa do turismo, responsável e útil para a preservação da natureza? Acredito que com a nova consciência ecológica que está se construindo, venceremos o tipo de pensamento predatório sem limites, que ainda persiste mundo a fora.

*“A natureza faz a sua parte, legando-nos um mundo cheio de maravilhas. Nós falhamos em preservá-la, nem sempre por ambição, muito mais por falta de visão. A ambição inteligente nos levaria a cuidar de cada árvore como se fosse um tesouro, de cada rio como se fosse uma fonte de onde iríamos beber a mais pura água, de cada montanha como se fosse um legado insubstituível. E teríamos muito lucro vendendo este produto para pessoas que vivem nas grandes cidades e estão sequiosos de verde e de rios límpidos”.*





Riachos do degelo das montanhas



e a estrada no meio do verde da mata

Estávamos saboreando a verdadeira Carretera Austral, num dos seus trechos primitivos, estreita, serpenteando a curvatura do terreno montanhoso, ora subindo, ora descendo por caminhos parecidos com a famosa Serra do Rio do Rastro, para além de Bom Jardim da Serra, Santa Catarina. Agora o chão era macio, umedecido pela névoa e algumas gotas de chuva, características das regiões mais elevadas. Lembrei-me, então, dos tempos em que percorria de fusca o interior de São José dos Ausentes, próximo aos Aparados, e de Bom Jesus, em visita pastoral às longínquas comunidades perdidas na ribanceira dos rios Pelotas e Rio das Antas. A família Scorsatto seguia adiante levando a nossa Raquel. Lena e eu paramos algumas vezes para tirar fotos de cascatas, de rios, de uma vilinha lá embaixo, contornada pelas águas de um rio, que a cercava quase por completo, numa espécie de ilha fluvial.

Depois começamos a subir novamente. Uma vegetação parecida com urtigão, parecia querer cobrir a estrada estreita e curva, com suas enormes folhas.<sup>13</sup>

Ao descer do outro lado, numa curva topamos com duas camionetes 4x4, que vinham no sentido contrário. Paramos bem rente às folhas de *Gunnera manicata* e então, aproveitamos para nos fotografar debaixo desses guarda-chuvas da natureza.

Lá adiante, postada na beira da estrada, nos esperava a família Scorsatto. Partilhamos a emoção deste inigualável caminho, respiramos o ar puro destas matas e reiniciamos a descida. De repente, topamos com o primeiro caminhão, que apontou na curva, não muito longe da ponte lá embaixo. Eles

---

<sup>13</sup> Esta mesma espécie existe também aqui nos Aparados da Serra. O escritor Fidélis Dalcim as descreve no livro "Prisioneiros do Abismo", romance escrito em 1962, que narra a viagem de dois jovens que partindo de Porto Alegre, visitam a serra, os campos, os pinheirais em derrubada, descendo pela Serra do Doze e subindo pela Serra do Pinto, até ficarem presos no Cânion do Taimbezinho.



logo nos avistaram, estacionando sobre a ponte e fazendo sinal para prosseguíssemos, pois, a ponte era o trecho mais largo da estrada.



No ziguezague da beira de um fiorde<sup>14</sup>, que para nós se tratava de um lago, um casal de Porto Alegre e que viajava num carro vermelho, nos fez sinal para que parássemos. Queriam saber como estava o caminho e prosseguiram. O motorista, depois de aposentado como diplomata, estava aventurando pela Carretera Austral em automóvel de passeio como nós. Mais adiante, numa espécie de estacionamento da beira do “lago”, paramos para o planejado piquenique, tão esperado pelas *niñas e tambien por nos otros*.

Após o almoço, que durou cerca de uma hora, depois de bebermos da água gelada que despencava do outro lado da estrada, satisfeitos, mas com certa relutância, pois a paisagem é linda, decidimos embarcar em nossos *coches* a fim de reiniciar a viagem. Mas quem disse que a Scénic queria partir? Depois de duas horas com os faróis distraidamente ligados e as quatro portas abertas, não tinha mais sobrado energia suficiente para a partida. Não tínhamos levado nenhum cabo de bateria e a primeira cidade, Puyuhuapi, ficava a 17 km. Lá fui eu, com o Diógenes a procura de socorro.

Puyuhuapi é um pequeno vilarejo de umas 50 casas de madeira, cobertas de tabuinhas, ponto de partida para excursões mais radicais.

---

<sup>14</sup> Fiorde: braço de mar profundo que avança entre altas montanhas.



O eletricitista tinha viajado para Coyhaique e o mecânico estava sendo aguardado por outros dois forasteiros. Então, alguém me falou que um tal de “alemão do restaurante” poderia quebrar o galho com o empréstimo de um cabo. O tal sujeito de uns 35 anos de idade, vindo realmente da Alemanha, tinha aportado por aqui a uns 10 anos e, além do Restaurante, escoltava grupos de turistas. Muito gentil nos emprestou um cabo espetacular nos recomendando: - “Depois que solucionarem o problema, deixem o cabo por aqui, pois, infelizmente, estou de saída para buscar um grupo que está acampado na beira do fiorde”. Naquele mesmo dia, tive oportunidade de retribuir a solidariedade do “alemão”, socorrendo um casal de Santiago que havia acampado na beira do Lago Yelcho.



Mas aquele dia ainda nos reservou outros inconvenientes. Consultando os horários do Ferri-bot de Chaitén, concluímos que seria mais conveniente retornarmos para a Argentina por Fataleufú, mesmo porque os demais não conheciam Bariloche, do outro lado dos Andes. Lá pelas tantas, numa entrada em curva numa ponte, senti que o carro pendeu demais para a direita. Parei e a confirmação: o pneu traseiro do lado direito estava furado. De tanta força para destarrachar o segundo parafuso, quebrou-se a chave (por aqui macaco é *gata*). E os três carros que passaram por aí, durante mais de uma hora, não tinham



chave apropriada. Fataleufú estava a uns 30 km e tínhamos passado o dia todo sem abastecer. O sol estava se escondendo por trás das montanhas e não restava outra solução, se não o Scorsatto partir em busca de socorro. Não precisou viajar além de uns três quilômetros para, casualmente, encontrar alguém que intuiu que a chave apropriada estava na casa de um vizinho, como de fato aconteceu.



Quando chegamos a Fataleufú a Aduana estava *cerrada* e nos contentamos com a primeira pousada: *Cabaña de la Rosa*. Ainda tivemos tempo para comprar macarrão e acompanhantes para o nosso jantar, mas, consertar o *pneumático* nem pensar.

### **Dia 17 – Sábado: Esquel – El Bolsón – Vila Mascardi – San Carlos de Bariloche.**

Depois de uma noite tranqüila, nesta pacata cidadezinha dos Andes, com seus picos cobertos de neve, levantei por primeiro e parti em busca de uma *gomeria*. A que avistara na noite anterior continuava fechada. As ruas estavam praticamente desertas. Bati por duas vezes na porta da casa ao lado, na certeza de que era a do proprietário. Este, abrindo a janela, perguntou mal humorado: “*Que quieres? ... Solo despues de las nuove. Primero, nem pensá!*”

Não desanimei. Tinha que haver outra solução. Então me informaram que um particular costumava trabalhar “fora de horário”. O mesmo morava na beira de uma estradinha que subia numa das saídas para o interior. Quando subi a escada de madeira e bati na porta, saltou debaixo da casa um cão enorme que, por pouco não me derrubou escada abaixo. O bichano parecia não ter certeza do que buscava. Depois de farejar descaradamente o meu corpo todo, dos pés a cabeça, inclusive as ‘partes peripatéticas’, alguém apareceu na janela da casa gritando contra o safado, que se afastou sacudindo o rabo peludo. E o pneu agüentou por mais uns 90 km apenas. Em Esquel comprei outro e pus a rodar com o estepe que era novo.



Depois de passarmos pelas duas aduanas, o caminho enripiado continuou em descida até as proximidades de Trevelin. As montanhas à nossa esquerda, de uma aparência majestosa, estavam cobertas de neve. Provavelmente, é sobre elas que existem as pistas de esqui, que, segundo nos disseram, rivalizam com as de Bariloche. Em Esquel, a troca de pneus - fabricados em São Paulo custaram 20% menos do que no Brasil - foi demorada, pois estavam cheios de serviço. Aproveitamos o tempo para almoçar e as meninas brincaram bastante na praça principal, onde existe o maior deslizador que já vimos.



Em Futaleufú



Esquel

O caminho dali por diante, de bom asfalto, poucas curvas e de uma paisagem linda, às vezes espetacular, foi uma descoberta inesquecível. A cidade de El Bolsón, reduto de nazistas até um passado recente, estava lotada de turistas, especialmente chilenos. Situada praticamente no meio das montanhas, com suas casas lindas, de sacadas em madeira vernizada, El Bolsón se parece com Gramado e Canela, que estão no alto da Serra Gaúcha.

Nossa parada foi mais para abastecer e ... nos perder de vista: Enquanto contornava por detrás das bombas de combustível, fui interrompido pela Lena que cismou em comprar um picolé para a Raquel. A família Scorsatto, pensando que já tínhamos partido se foi adiante de nós em disparada. De minha parte, não os avistando mais até sairmos por uns cinco km fora da cidade, decidi parar e ficar esperando por eles. Será que aconteceu alguma coisa com eles? O que estão fazendo? Conforme o combinado, “ao perder de vista o companheiro, retornar ao local do último encontro”, retornei ao posto, deixando informações aos frentistas e, novamente enveredamos pela estrada. Mais uma parada, uns 15 km adiante, e nada de Scorsatto. Por isso, retornamos mais uma vez ao posto, vasculhando outras ruas de saída da cidade. Só então, decidi prosseguir, até reencontrá-los 50 km adiante, quando já estavam voltando a nossa procura. A bela paisagem beirando lagos, subindo e descendo entre



montanhas, não permitia que alguém perdesse a *tramontana*. Foi por aqui que a Lena e eu fizemos as mais belas fotos.



Paisagem de El Bolson



onde a Lena se 'perdeu'

Por isso tudo, chegamos em Bariloche no escurecer e passamos trabalho para finalmente dormir numa *cabaña* da encosta de um bairro da cidade.

### **Dia 18 – Domingo: Bariloche – Osorno – Villarica**

O domingo amanheceu esplêndido. Depois de estacionar no centro de Bariloche, perambulamos por algumas ruas, fizemos algumas fotos, compramos algumas lembranças e, lentamente, como quem gostaria de permanecer por mais algum tempinho, partimos para mais uma jornada de estrada. (Estávamos na frente de uma grande chocolateria, quando a Lena nos perdeu de vista, passou pelo carro estacionado e se mandou... quase atravessando a cidade).

Depois de completar o tanque com *nafta* argentina, pois no Chile é tão cara quanto no Brasil, prosseguimos caminho, beirando lagos e apreciando a bela paisagem, mais uma vez em direção à Cordilheira. Por aqui eu já tinha passado à exatamente dez anos atrás com seu Atílio, o Fidélis e o Fabiano. Nestes dez anos houve uma transformação: beiradas de lago habitadas, ricas vilas de veranistas e amantes dos esportes aquáticos, muitas mansões e lindas casas de sacadas de madeira invernízada, postos de combustível, restaurantes, hotéis e muitas lojas, especialmente de artesanato. *Angostura* não parecia mais a mesma.





Mais uma travessia dos Andes



Pucán – desde Villarrica

Depois veio a Aduana mais congestionada de nossa viagem. Neste final de domingo, muitos chilenos estavam retornando para suas casas, onde o custo de vida é 30% mais elevado. Por isso, as filas eram todas longas, inclusive a de saída, quando só se apresentava a tarja com os tradicionais 4 carimbos.

Subindo a Condilheira, mais uma floresta de enormes lengas, depois um pouco de chuva, a neblina, a descida e mais uma Aduana. Desta vez não foi tão demorada, mesmo assim nosso almoço foi lá pelas 4 horas da tarde (três do Chile), num restaurante afastado um km da Ruta internacional.

Deixamos para o lado esquerdo Frutillar, a cidadezinha onde pousamos na viagem de 10 anos antes, com o belo lago Llanquihue em frente e o vulcão Osorno (2.652m), que lembra o Monte Fuji do Japão. Puerto Montt, mais abaixo, e a Ilha de Chiloé, que nem desta vez deu para se visitar.

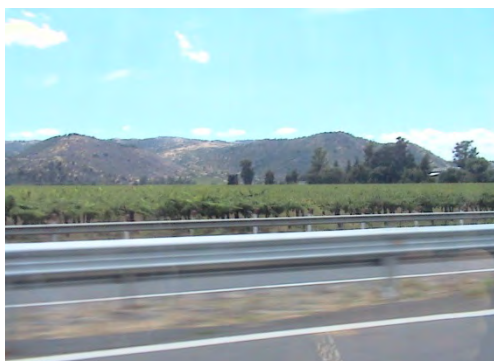
Ao ingressarmos na rodovia Panamericana, uma auto-estrada com velocidade de 120 km/h, de quando em vez interrompida por um pedágio, deu para se perceber que estávamos num outro país. Chegamos em Villarrica no entardecer, com tempo ainda para fotografar o vulcão Pucón (2.840m). Villarrica é linda, ao lado de um lago cheio de barquinhos coloridos. Mais uma *cabaña* e uma linda cidade sem desfrutar da riqueza do seu artesanato, e dos passeios oferecidos pelas empresas de turismo, pois na manhã seguinte partimos cedo em direção a Santiago.

## **Dia 18 – Segunda: Temuco – Santiago – Los Andes**

Vínhamos admirando a riqueza do Chile, com seus postos de combustível e restaurantes de boa qualidade, suas plantações de milho, os pomares de maçãs, peras, ameixas, pêssegos e os densos trigais prontos para serem ceifados. O Chile, além do cobre, seu principal produto de exportação, com suas frutas de boa qualidade conquistou importantes mercados internacionais como o europeu e norte-americano. Nos últimos tempos está investindo muito, também, em infra-estrutura para o turismo.



À medida que nos aproximávamos da capital, o calor foi aumentando com o sono e o movimento. Tive que fazer um esforço tremendo para poder me manter atento e assim chegarmos direto ao centro de Santiago. Estacionamos no subsolo da praça do Palácio La Moneda, onde Salvador Allende, único governo comunista do mundo eleito pelo voto democrático, foi assassinado pelas tropas comandadas pelo Gal. Augusto Pinochet, em 1971.



Vinhedos ao lado da auto-estrada



La Moneda - Santiago

Depois de descansarmos um pouco, dando oportunidade para que *las niñas* pudessem correr à vontade pela grama e pelas calçadas, depois de algumas fotos para registrar esta visita relâmpago à bela e histórica capital do Chile, partimos na direção norte. Foi mais difícil a saída do que a entrada, nesta cidade, com seus quase 8 milhões de habitantes.

Já na Ruta 7, passando pelos túneis de Chacabuco e , chegamos rapidamente ao Santuário de Santa Teresa de los Andes, onde tínhamos estado 10 anos antes<sup>15</sup>. O enorme estacionamento, no final da tarde desta segunda-feira, estava quase vazio. Rezamos um pouco e partimos em direção a Los Andes, a última grande cidade, antes da travessia da Cordilheira, o caminho mais conhecido dos caminhoneiros do Brasil. Nossa última pousada em território chileno aconteceu no hotel San Geraldo.

### **Dias 19 e 20 – Terça e quarta: Los Caracoles, O Cristo Redentor, Mendoza**

Depois do minguaado café do hotel e de algumas compras num supermercado (tentando nos desfazer dos últimos pesos chilenos), iniciamos a última travessia dos Andes. A medida que íamos subindo, também aumentavam as curvas e os perigos de uma estrada mal cuidada pelos chilenos, que parecem não se preocupar com a sua principal via internacional. Foi durante esta subida, mais precisamente no trecho conhecido pelo nome de Los Caracoles, devido às

---

<sup>15</sup> Meu pai é devoto, desta jovem falecida aos 19 anos (1918), canonizada pelo papa João Paulo II.



curvas que se sucedem quase em degraus, que o Golf da família Scorsatto perdeu a proteção do motor.

Foi depois da travessia do túnel da Cordilheira que, percorrendo o antigo caminho de terra solta, chegamos à maior altitude da viagem, no Cristo Redentor<sup>16</sup>. O vento gelado dos 3.800m surpreendeu os demais, que logo se sentiram tontos e com necessidade de fazer pipi... Lá de cima, já próximos do gelo, contemplamos por algum tempo a magnitude das montanhas, entre elas o Aconcágua, a mais alta da América, com seus 6.962m de altitude, um desafio para os alpinistas do mundo inteiro. Lá embaixo a estrada asfaltada, alguns trechos da antiga estrada de ferro ainda cobertos pelo zinco enferrujado.



Los Caracoles – última travessia/Andes no alto – Cristo Redentor

Após algumas fotos reiniciamos a descida perigosa (um enorme bloco de gelo, estrategicamente postado acima da barranca da estrada, parecia pronto para deslizar e levar consigo alguns forasteiros). Quem desce tem que dar prioridade a quem sobe pela estrada cheia de curvas. Numa destas, eu estava distraído e levei aquele chingão de um chileno raivoso. Almoçamos no restaurante Puente del Inca e depois prosseguimos até Uspallata, local onde, por vezes no inverno, até dois mil caminhões ficam esperando que cesse a neve para que possam transpor a Cordilheira.

Foi na saída de Uspallata que aconteceu nosso maior desencontro. Por ocasião da passagem pelo controle policial, duas carretas se interpuseram entre nós e o Diógenes. Não o avistando mais pelo retrovisor, diminuí a velocidade e sai para o acostamento. Pois neste exato momento eles ultrapassaram os caminhões sem serem vistos por nós e, da mesma forma, eles não puderam nos ver. Casualidade fatal que nos custou muita preocupação e tempo perdido. Eles se mandaram na frente, acelerando, porque julgavam que estivéssemos adiante,

---

<sup>16</sup> A imagem do Cristo Redentor é um monumento à paz mundial construída em 1904 - com seus 12m de altura e 3.800 kg em bronze, obra do escultor Mateo Alonso - foi carregada de Uspallata até este local, conhecido até então como cerro Santa Elena, em lombo de burro.



e nós voltamos, esperamos, finalmente andamos devagar, até nos reencontrar, quase que de forma milagrosa, nas proximidades da Rua San Martin, no centro de Mendoza, cidade com mais de um milhão de habitantes. Então, toda ansiedade e preocupação (menos da Raissa que parecia ter a certeza de que nos reencontraríamos) foi substituída por uma sensação de alívio e pela alegria do reencontro. Fatos como estes marcam nossas vidas para sempre.



Praça central de Mendoza



Adega Família Aranda

Mendoza poderíamos classificá-la como “o paraíso dos turistas”, pelo seu clima agradável, pelo aconchego de suas cinco praças principais, pelos seus restaurantes, cafeterias, lojas, bancos, cinemas, e, naturalmente pelos seus bons vinhos. Sem dúvida, um dos pontos altos de toda a viagem para o casal Scorsatto, amantes dos bons vinhos. Por isso tudo, e porque estávamos num apartamento bem localizado no centro, pousamos duas noites, como tínhamos feito em Puerto Madryn e no Ushuaia. Tivemos tempo para visitar o Museu do Vinho em Maipú, onde conferimos plantações de oliveiras e parreirais irrigados, a adega da família Aranda, à beira da Ruta 7.

### **Dia 21 – Quinta: San Luís. Mercedes, Rio Quarto, Venado Tuerto, Firmat**

Quando cruzamos por aqui, procedentes de Córdoba, em 1997, não tinha me dado conta do potencial da Ruta 7. Trata-se de uma auto-estrada espetacular, com menos de 200 km, dos seus 1.220, ainda não iluminados. Por isso, os acidentes por aqui são raríssimos, que o digam os motoristas do Brasil.

Depois do almoço o trânsito ficou mais pesado e o calor da planície das proximidades do rio Paraná tornou a viagem mais pesada. Nossa última pousada em solo estrangeiro aconteceu numa cidade até então desconhecida: Firmat. Aqui encontramos um ótimo hotel e a família Scorsatto os vinhos mais baratos do que em Mendoza.



## Dia 22 – Sexta: (Rosário) Santa Fé/Paraná, Paso de los Libres, São Borja

Neste último trajeto o que mais nos marcou foi:

- o temporal, enquanto viajávamos pela Ruta 11, com velocidade de 130km/h. - o túnel sob o rio Paraná. - o assalto dos policiais rodoviários (desta vez só o Scorsatto foi mordido). - a bagunça de Los Libres e o perigoso trajeto com chuva até Itaqui, local de nossa última pousada, e o retorno à fartura de nossas refeições.



Túnel sob o Rio Paraná



Ponte da “amizade”- Uruguaiana à vista

## Dia 23 – Sábado: São Luís Gonzaga – Caaró – Marau

Em São Luís Gonzaga fizemos uma parada para visitar a Igreja, que contém algumas imagens missionárias e a pintura que retrata a Nossa Senhora do Chimarrão, e para almoçar.

Meus companheiros não conheciam o Santuário dos Mártires: Roque Gonzáles, Afonso Rodríguez e João del Castillo. Por isso, foi aqui no Caaró, nossa última parada significativa.



NSra. do Chimarrão – S.L.Gonzaga



O Trio em Caaró – Três Mártires

Depois seguimos sem tréguas, cruzando por Ijuí, Cruz Alta, Ibirubá... Passo Fundo, até a nossa querida Marau. Que saudade deste “recanto



abençoado”! Que bom voltar para casa! A Raquel e a Lena estavam radiantes de alegria. Elas são apaixonadas por este “*recanto bendito*”. Elas provaram que tudo é possível, que não é tão difícil de encarar a estrada por três semanas. Com certeza, agora estão mais prontas para enfrentar outros desafios mundo a fora.

Foi bom ter viajado com Diógenes, Valdirene, Nicole e Raissa. Um casal *pronto para qualquer parada*. Ótimos companheiros de viagem: sem cerimônia, enfrentando com bom humor os imprevistos, sem stress, dispostos ao sacrifício se necessário.

### CONCLUINDO:

No fim da viagem fica difícil eleger um lugar marcante ou interpretar a sensação que se carrega depois de tudo que vivos e sentimos.

A única certeza é que foi uma dávida transitar pelo extremo Sul da América, pela Patagônia até a Terra do Fogo, pela Carretera Austral, até a volta para casa. Diante de tantas maravilhas deste *fim de mundo* é impossível não ficar fascinados e, ao mesmo tempo, se questionar sobre como foi que, muito tempo antes de nós, por aqui passaram exploradores como o português Fernão de Magalhães e cientistas como o britânico Charles Darwin. Por isto tudo, só nos resta dizer: DEUS SEJA LOUVADO!

-----

PS: - Na maioria das vezes a possibilidade de se viajar ou não está dentro de nós. Por isso, o primeiro passo é se programar. Não basta sonhar, é preciso acreditar nos sonhos e comprometer-se com sua concretização, porque:

*“Há sempre uma desculpa, e boa por sinal, para se deixar para depois, ano que vem, ou na próxima década, aquela viagem tão sonhada”.*

Alguém escreveu e eu repito:

*Invejo quem vive satisfeito sem nunca se distanciar do lugar em que nasceu e cresceu. Invejo ainda mais os pouquíssimos cidadãos do mundo, sem pátria, sem destino, pesquisando o desconhecido, abrindo as cortinas que se abrem nos palcos do mundo.*

[dalcimignacio@portalnet.com.br](mailto:dalcimignacio@portalnet.com.br)

Marau, Fevereiro de 2007.



## Catálogo de livros editados

1	<a href="#">Picanhas 2ª Ed</a>	Livro	Araldi, H
2	<a href="#">Cerrito do Ouro à Coxilha</a>	E-book	Ayres, O
4	<a href="#">Cerrito do Ouro à Coxilha</a>	Livro	Ayres, O
5	<a href="#">A Atlantida</a>	E-book	Bastos, G
6	<a href="#">Da mocidade a velhice</a>	E-book	Bastos, G
7	<a href="#">Conversa entre educadoras -do dia-a-dia à utopia</a>	E-book	Bodah, E
8	<a href="#">Conversa entre educadoras -do dia-a-dia à utopia</a>	Livro	Bodah, E
9	<a href="#">Conversa entre educadores -Novos Diálogos</a>	Livro	Bodah, E
11	<a href="#">Conversa entre educadores -Novos Diálogos</a>	E-book	Bodah, E
12	<a href="#">Receitas Vegetarianas</a>	E-book	Bodah, E
15	<a href="#">A cuidadora</a>	E-book	Both, A
16	<a href="#">A noite</a>	E-book	Both, A
17	<a href="#">A solidão e o santo</a>	E-book	Both, A
18	<a href="#">Clube Juvenil -100 anos de conquistas</a>	E-book	Both, A
19	<a href="#">Conversas sobre a terceira idade</a>	E-book	Both, A
20	<a href="#">Criação da Universidade de Passo Fundo</a>	E-book	Both, A
21	<a href="#">Diocese de Passo Fundo -50 anos</a>	E-book	Both, A
22	<a href="#">Dom Claudio -Pastor e Cidadão</a>	E-book	Both, A
23	<a href="#">Frutos de Inverno</a>	E-book	Both, A
24	<a href="#">Linha Divisa</a>	E-book	Both, A
25	<a href="#">Meditações Breves</a>	E-book	Both, A
35	<a href="#">O procurador</a>	E-book	Both, A
36	<a href="#">Os cavalos de São Marcos</a>	E-book	Both, A
37	<a href="#">Para além de um Contrato Amoroso</a>	E-book	Both, A
38	<a href="#">Para onde vão nossas casas</a>	E-book	Both, A
39	<a href="#">Pedagogia seminarística -Certezas e Conflitos</a>	E-book	Both, A
40	<a href="#">Bem-Me-Quer -Versos Desfolhados</a>	E-book	Camargo, H
41	<a href="#">Cântaros de Junco</a>	E-book	Camargo, H
42	<a href="#">Fulgores, Dores e Amores -Respingos de uma travessia</a>	E-book	Camargo, H
43	<a href="#">Gorgeios e Revoadas -Versos ao léu</a>	E-book	Camargo, H
44	<a href="#">Matizes do Entardecer</a>	E-book	Camargo, H
45	<a href="#">Monólogos de uma peregrina -reflexões poéticas</a>	E-book	Camargo, H
46	<a href="#">Paredes Nuas</a>	E-book	Camargo, H
47	<a href="#">Radiografia das Emoções</a>	E-book	Camargo, H
48	<a href="#">Radiografia das Emoções</a>	Livro	Camargo, H
49	<a href="#">Sol Encoberto</a>	E-book	Camargo, H
50	<a href="#">Sonho, Seiva, Semente</a>	E-book	Camargo, H
51	<a href="#">Violetas da Paixão</a>	E-book	Camargo, H
52	<a href="#">Música e educação-o contrabaixo e a bossa -Uma perspectiva histórica e prática</a>	E-book	Cararo, G
53	<a href="#">Música e educação-o contrabaixo e a bossa -Uma perspectiva histórica e prática</a>	Livro	Carraro, G

54	<a href="#">A ciência como ela é...</a>	E-book	Cunha, G
55	<a href="#">Cientistas no divã</a>	E-book	Cunha, G
56	<a href="#">Galileu é meu pesadelo</a>	E-book	Cunha, G
57	<a href="#">90 anos de Fé e Trabalho -Paróquia Cristo Rei de Marau - 1920-2010</a>	E-book	Dalcim, I
58	<a href="#">Fascínio e Mistério nas Ruínas das Missões</a>	E-book	Dalcim, I
59	<a href="#">Viagem ao Centro e Nordeste do Brasil</a>	E-book	Dalcim, I
60	<a href="#">Viagem ao Extremo Sul da América</a>	E-book	Dalcim, I
61	<a href="#">Viagem às Reduções-Missões Jesuítico-Guaranis do Paraguai</a>	E-book	Dalcim, I
62	<a href="#">Viagem pelo oeste do Brasil</a>	E-book	Dalcim, I
63	<a href="#">Viagem rumo ao deserto de Atacama</a>	E-book	Dalcim, I
64	<a href="#">Juvenildade</a>	E-book	Damian, G
65	<a href="#">Eleições em Passo Fundo</a>	Livro	Damian, M
66	<a href="#">Enciclopédia do Futebol Gaúcho</a>	Livro	Damian, M
67	<a href="#">Futebol de Passo Fundo -Contribuição à sua história</a>	E-book	Damian, M
68	<a href="#">O mais querido da cidade -A história do Sport Club Gaúcho</a>	E-book	Damian, M
69	<a href="#">Emoções</a>	E-book	Dinarte, C
70	<a href="#">Emoções</a>	Livro	Dinarte, C
71	<a href="#">Nós, entre o Céu e a Terra</a>	E-book	Dinarte, C
72	<a href="#">Permitam-me Sonhar</a>	E-book	Dinarte, C
73	<a href="#">Poesia -Um Passe de Mágica</a>	E-book	Dinarte, C
74	<a href="#">Brevidades</a>	Livro	Du Bois, P
75	<a href="#">Brevidades</a>	E-book	Du Bois, P
76	<a href="#">Via Rápida</a>	E-book	Du Bois, P
77	<a href="#">Via Rápida</a>	Livro	Du Bois, P
78	<a href="#">Micos &amp; Microfones -Relatos humorados sobre rádio e televisão</a>	E-book	Fernandes, H
79	<a href="#">Micos e Microfones -Relatos humorados sobre rádio e televisão</a>	Livro	Fernandes, H
80	<a href="#">Alimentação fisiológica da criança</a>	E-book	Fonseca, V
81	<a href="#">Cronologia do Ensino em Passo Fundo</a>	E-book	Gehm, D
82	<a href="#">Genealogia -Telmo e Margarete Gosch</a>	E-book	Gosch, T
83	<a href="#">Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses</a>	E-book	Machado, A
84	<a href="#">Crepúsculo Vazio -Novas redondilhas e versos crioulos</a>	E-book	Machado, A
85	<a href="#">Nascentur poetae</a>	E-book	Machado, A
86	<a href="#">Pântano Florido -Redondilhas</a>	E-book	Machado, A
87	<a href="#">Safrá Amarga -Versos de arte-menor</a>	E-book	Machado, A
88	<a href="#">Vozes da Querência -Subsídios para o estudo do linguajar regional Sul-riograndense</a>	E-book	Machado, A
89	<a href="#">A Campanha da Legalidade em Passo Fundo</a>	E-book	Monteiro, P
90	<a href="#">A trova no Espírito Santo</a>	E-book	Monteiro, P
91	<a href="#">A trova no espírito santo -história e antologia</a>	E-book	Monteiro, P
92	<a href="#">Combates da revolução federalista em Passo Fundo</a>	E-book	Monteiro, P
93	<a href="#">eu resisti também cantando</a>	Livro	Monteiro, P

94	<a href="#">eu resisti também cantando</a>	E-book	Monteiro, P
95	<a href="#">O massacre de porongos &amp; outras histórias gaúchas</a>	E-book	Monteiro, P
96	<a href="#">O massacre de porongos &amp; outras histórias gaúchas</a>	Livro	Monteiro, P
97	<a href="#">A história da comunidade paroquial de São Judas Tadeu da Vila Luiza</a>	E-book	Nascimento, W
98	<a href="#">A Pregação dos Tradicionalistas</a>	E-book	Nascimento, W
99	<a href="#">Academia de bocha amigos do marcondes -um estilo de vida</a>	E-book	Nascimento, W
100	<a href="#">As Ruas de Passo Fundo do Século XIX</a>	E-book	Nascimento, W
101	<a href="#">Casamento -compromisso a longo prazo</a>	E-book	Nascimento, W
102	<a href="#">Conheça Passo Fundo, Tchê!</a>	E-book	Nascimento, W
103	<a href="#">Construindo Passo Fundo 1857-2007</a>	DVD	Nascimento, W
104	<a href="#">De Capela a Catedral</a>	E-book	Nascimento, W
105	<a href="#">Dona Heloisa -Memórias</a>	E-book	Nascimento, W
106	<a href="#">Dona Heloisa -Memórias</a>	Livro	Nascimento, W
107	<a href="#">Maragatos e Pica-Paus -por que brigavam tanto</a>	E-book	Nascimento, W
108	<a href="#">Perfil da Academia PFundense Letras</a>	E-book	Nascimento, W
109	<a href="#">Sonhos vicentinos -apontamentos para a história da sociedade de São vicente de Paulo de Passo Fundo</a>	E-book	Nascimento, W
110	<a href="#">Terra, Gente e Tradições Gaúchas</a>	E-book	Nascimento, W
111	<a href="#">Viaje no tempo -um resgate fotográfico de Palmeira das Missões</a>	E-book	Nascimento, W
112	<a href="#">Vultos da História de Passo Fundo</a>	Livro	Nascimento, W
113	<a href="#">Vultos da História de Passo Fundo 1ª ed</a>	E-book	Nascimento, W
114	<a href="#">Vultos da história de Passo Fundo -2ª Edição Ampliada</a>	E-book	Nascimento, W
115	<a href="#">À esquerda</a>	Livro	Noal, H
116	<a href="#">À esquerda</a>	E-book	Noal, H
117	<a href="#">Meninos do Crack</a>	Livro	Nonemacker, A
118	<a href="#">Fúnebre cortejo &amp; outras histórias</a>	F-book	Nunes, L
119	<a href="#">Fúnebre cortejo &amp; outras histórias</a>	Livro	Nunes, L
120	<a href="#">A bolsa da minha mãe e outros contos</a>	E-book	Perez, J
121	<a href="#">A bolsa da minha mãe e outros contos</a>	Livro	Perez, J
122	<a href="#">Fugaz Idade</a>	Livro	Perez, J
123	<a href="#">Coletânea de Poemas 2011</a>	Livro	Projeto
124	<a href="#">Coletânea de Poemas 2011</a>	E-book	Projeto
125	<a href="#">Contos SCI-FI -Além da imaginação</a>	E-book	Scofield, V
126	<a href="#">Genius -O relógio do tempo</a>	E-book	Scofield, V
127	<a href="#">Genius -origem</a>	Livro	Scofield, V
128	<a href="#">Gênus -Origem</a>	E-book	Scofield, V
129	<a href="#">SCI-FI -Tales beyond imagining</a>	E-book	Scofield, V
130	<a href="#">15 dia que abalaram Passo Fundo</a>	Livro	Tasca, I
131	<a href="#">15 dias que abalaram Passo Fundo</a>	E-book	Tasca, I
132	<a href="#">Crônica sobre uma querência hospitaleira</a>	Livro	Tasca, I
133	<a href="#">Canção da liberdade</a>	E-book	Valle, J
134	<a href="#">Cânticos do amor à vida</a>	E-book	Zauza, G

135	<a href="#">Divã, lágrimas e libertação</a>	E-book	Zauza, G
136	<a href="#">Energia psíquica e psicoterapia objetiva</a>	E-book	Zauza, G
137	<a href="#">Solidão e dor</a>	E-book	Zauza, G



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Se você pretende visitar de carro alguns dos lugares mais espetaculares do Extremo Sul da América (como: a vastidão da Patagônia – Colônias de Pingüins – Ushuaia, a cidade mais austral do planeta – as maravilhas do parque de Torre del Paine – o glacial de Perito Moreno – a Carretera Austral – a Cordilheira dos Andes – Bariloche, Mendoza e dezenas de outras cidades interessantes) não deixe de ler este relato. Com certeza, ele lhe será útil, como tem sido para alguns amigos que empreenderam uma viagem semelhante.

O autor

